

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A *métis* de Penélope

Cristiane A. de Azevedo
(UFRRJ)

RESUMO: O artigo pretende explorar as intervenções de Penélope ao longo da narrativa de Homero na *Odisseia* com o objetivo de demonstrar como o poeta tem um cuidado especial na construção de seu personagem. A rainha é retratada não só como prudente mas também como aquela que é justa. Se estamos acostumados a atribuir a *métis* a Odisseu, veremos que tal atributo não é exclusividade sua. Penélope intervém com sucesso no universo masculino e garante a imortalidade de seus feitos através de sua *métis*.

PALAVRAS-CHAVE: Penélope; *métis*; Homero; Odisseu

RESUME: Cet article vise à explorer les interventions de Pénélope tout au long du récit d'Homère dans l'*Odyssée* afin de démontrer comment le poète a un souci particulier par rapport à la construction de son personnage. La reine est dépeinte tout aussi prudente que juste. Habitué que nous sommes d'attribuer la *métis* à Ulysse, nous verrons qu'un tel attribut ne lui est pas exclusif. Pénélope intervient avec succès dans l'univers masculin et garantit l'immortalité de ses actes par sa *mètis*.

MOTS-CLE: Pénélope; *mètis*; Homère; Ulysse

Considerada mais popular do que a *Iliada*, a *Odisseia* narra a peregrinação de um dos maiores heróis gregos, Odisseu, de volta à sua terra natal, Ítaca. Nosso herói é retratado como homem maduro com grande experiência, prudente e dono de artimanhas inimagináveis. Assim, temos narradas pelo poeta as peripécias que Odisseu enfrentou no seu retorno ao lar e que tornam a *Odisseia* um grande romance. Um dos mais belos textos de todos os tempos não só no que diz respeito às suas histórias envolventes, mas também na forma como essas histórias são contadas: trata-se de uma narrativa não-linear com elipses temporais, digressões e retomadas narrativas.

Ao longo da narrativa, Odisseu diversas vezes toma o lugar de um aedo, um dos melhores, não é à toa que em várias passagens tem sua forma de contar extremamente elogiada e valorizada. O herói nos brinda com várias autobiografias inventadas, apresentadas de acordo com a audiência que o escutava. Trata-se do herói das mil faces e todas elas o constituem, todas servem para construir esse herói homérico. São tantas histórias diferentes que poderíamos nos perguntar quem é, de fato, esse estrangeiro que

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

chega à Ítaca. Os personagens que encena são tantos que, nos momentos decisivos, torna-se necessário contar histórias conhecidas de seus parentes e amigos para que acreditem nele, assim se dá com a narrativa em torno de seu acidente com o javali que lhe deixou uma cicatriz na perna, com o leito talhado no tronco da oliveira, com as árvores frutíferas que seu pai tinha lhe dado entre as várias que existiam no grande pomar.

Contudo, esse rico personagem tem sua cena roubada em vários momentos, ou melhor, só consegue de fato concluir sua cena porque outros personagens lhe prestam ajuda. Será que poderíamos, em linhas gerais, afirmar que a *Odisseia* narra as aventuras de Odisseu durante seu retorno para casa? Trata-se somente disso? Um mote para engrandecer um herói? Ao lado de Odisseu, figuras femininas importantes se destacam e muitas delas são de fundamental importância para que o nosso herói tenha sucesso ao enfrentar todos os perigos pelos quais tem que passar. Se olharmos com atenção para essas figuras, veremos que o nosso herói deve sua grandeza a essas mulheres: Atenas, Calipso, Circe, Nausícaa, Euricleia e, finalmente, aquela que talvez seja a mais importante delas, Penélope.

Comumente são identificadas três linhas narrativas presentes neste “romance”: aquela que narra as aventuras do próprio Odisseu; a que narra a transformação do jovem e acuado Telêmaco no heroico filho de Odisseu; e, finalmente, a narrativa a respeito dos acontecimentos em Ítaca. Gostaria de acrescentar uma quarta linha narrativa: justamente aquela que diz respeito às aparições e intervenções da “prudente e sensata” Penélope na narrativa e toda sua *métis* ao enfrentar situações em nada favoráveis a ela.

A primeira aparição de Penélope acontece no canto I, verso 328, quando ela ouve o canto do aedo sobre a volta de Troia dos Aqueus. Aí ficamos cientes de sua fidelidade a Odisseu e aí também começamos a ter elementos para construir a personalidade de Penélope. A dama de bela feitura, com o rosto escondido por um véu e acompanhada por duas criadas, intervém no festim dos seus pretendentes, ou seja, toma a palavra em um ambiente e em um contexto marcados pela presença masculina, onde mulheres só estão presentes para servir os convivas. Penélope é tomada pela tristeza da ausência do marido que o canto lhe despertou e desce de seus aposentos para repreender Fêmios, o aedo. Se os deuses descem do Olimpo para tomar parte no festim dos homens, Penélope, essa figura quase divina, faz realmente uma aparição comparável a das mais belas deusas, ao descer as escadas em direção à sala onde se encontram os pretendentes. Assim como os deuses não revelam sua aparência real diante dos homens – tal como

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

Atenas acabara de fazer ao aparecer e aconselhar Telêmaco assumindo a aparência de um estrangeiro –, Penélope também se mostra escondida por seu véu. Se sua intenção é interromper o canto tomando a palavra em meio aos pretendentes, por outro lado, não tem o desejo de se misturar fisicamente entre os homens, por isso, tal como uma deusa, mantém-se em um lugar de destaque, detém-se embaixo do umbral, visível a todos. Será daí que repreenderá o aedo dizendo que ele sabe canções diferentes de heróis e deuses, então que as cante e pare de cantar sobre o retorno funesto dos aqueus saídos de Troia:

“não prossigas, porém, nessa história tão triste, que o coração se me aperta no peito ao ouvir-te a cantiga, o que acontece dê que a incomportável saudade me aflige, pela querida cabeça, que sempre à memória me ocorre, pelo varão, cuja fama em toda a Hélade e em Argos se estende”¹ (v.340-44).

Versos que mostram não só a repreensão de Penélope ao aedo mas explicam o porquê de tal atitude, e, ao explicá-la, demonstra o quão fiel ainda permanece a Odisseu. O coração aperta, a saudade bate, a memória de Odisseu lhe aflige, Penélope demonstra com sua fala que, apesar dos longos anos de espera, mantém pelo marido e grande herói, cuja fama se estende por Hélade e Argos, a mesma fidelidade e sentimento de sempre. Na sequência é a vez de seu filho Telêmaco repreendê-la, manda-lhe de volta para seus aposentos para se ocupar da roca e do tear e dar ordem às criadas, não aos homens, e nem se intrometer nos seus domínios. Penélope volta aos seus aposentos para chorar pelo seu amado marido, volta ao seu ambiente feminino após intervir divinamente no ambiente masculino dos festins. Sua intervenção deixa claro seu caráter e seu sentimento para todos os seus pretendentes.

Foi justamente utilizando seu domínio próprio da roca e do tear que Penélope pôde arquitetar sua primeira astúcia, narrada no canto II. Aqui a rainha é qualificada como “*entendida em processos escusos*” (v.87). Por quase quatro anos iludiu o desejo dos pretendentes, mantendo a esperança em todos, mas outros desígnios meditando. Penélope dá a entender aos pretendentes que aceitou o fato de Odisseu estar morto mas só irá se decidir por um deles depois que acabar de tecer uma mortalha para Laerte, seu sogro. E assim se pôs a tecer uma grande tela durante o dia e, após três anos, os pretendentes descobriram, através de uma serva, que aquilo que era tecido durante o dia,

¹ Todas as citações de *Odisseia* presentes no texto seguem a tradução de Carlos Alberto Nunes (2002).

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

Penélope desfazia no escuro de seu quarto. Dolo, artimanha, astúcia, falas que não correspondem aos desígnios de seus pensamentos são meios e características que por tantas vezes vemos associadas a Odisseu, o mais astuto dos heróis, tal como Homero nos apresenta. Já que Penélope não pode atuar no âmbito masculino com espada e escudo, usa os instrumentos de seu universo feminino e sua perícia ao trabalhar com esses instrumentos para opor resistência aos pretendentes. Suas armas foram a roca e o tear, e com elas Penélope conseguiu manter os pretendentes afastados por quase quatro anos, forçando-os a experimentar uma outra temporalidade. Enquanto pensavam que o tempo estava ao seu lado, com a rainha, a cada dia, tecendo mais uma parte da mortalha e assim encaminhando-se para o dia da conclusão, na verdade, ao contrário, Penélope voltava sempre ao primeiro dia e estava tão próxima de alcançar o dia da conclusão de seu trabalho como no dia no qual propôs aos pretendentes esperarem a conclusão de sua tarefa. Ao descobrirem o dolo de Penélope, os pretendentes falam dos méritos de sua alma, de sua astúcia, da sua perícia em trabalhos de modo que nunca conheceram outra aqueia como ela. Contudo, para eles, desta vez a rainha não pensou plano digno de ser elogiado pois sua demora aumenta também o tempo de consumo de seus bens e riquezas pelos pretendentes. Mas Penélope não parece se importar com isso, o seu principal intento, manter os pretendentes longe e sem incomodá-la, foi atingido com grande sucesso ao longo desses anos nos quais durou sua artimanha. O que chama ainda mais atenção é o fato dos pretendentes afirmarem a possibilidade de Penélope conseguir fama, *kléos*, com sua artimanha. Sabemos que a fama é algo típico do universo masculino dos heróis, é através de seus feitos heroicos e artimanhas no enfrentamento do inimigo que o herói se destaca e tem suas ações immortalizadas através do canto do aedo. Usando as armas que tem disponíveis no enfrentamento de seus inimigos, Penélope ganha a glória típica dos grandes heróis.

A terceira aparição de Penélope que desejamos destacar mostra a rainha repreendendo as servas por não terem-lhe informado sobre a viagem de Telêmaco em busca de notícias do pai. Em seguida, banha-se e vai implorar a Atena que salve seu filho dos pretendentes. A deusa, tocada pelo pranto de Penélope, faz vir doce sono e em sonho faz aparecer a irmã de Penélope, Iftima, com o objetivo de acalmá-la. Mesmo trazendo-lhe palavras reconfortantes a respeito do destino de seu filho e mesmo estando sonhando, Penélope não deixa de lado sua prudência e cautela em aceitar aquelas palavras como verdadeiras. Primeiro, questiona a presença da irmã, vinda de tão longe, depois, conta-lhe

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

sobre suas perdas familiares para justificar a impossibilidade de cessar seu pranto. Diante da relutância de Penélope em acreditar nas palavras da visão de sua irmã, esta lhe revela que ninguém menos que Atena se compadece de seu sofrimento. Todavia, a *métis* de Penélope vai muito além de uma prudência em não acreditar prontamente em tudo que lhe dizem; já que trata-se de uma deusa que está diante dela ou de um enviado da deusa, então Penélope decide testar-lhe com uma simples questão em relação a Odisseu. Questão que tem tanto o objetivo de confirmar a história do “fantasma” de Iftima em relação ao futuro de Telêmaco como ainda lhe revelaria algo sobre o presente de Odisseu. Mas sobre esse último tema, Atena não quer nada adiantar a Penélope.

A passagem seguinte não é uma aparição direta de Penélope, mas o momento no qual sua fidelidade é lembrada. Trata-se do canto XI, onde é descrita a *katabasis* de Odisseu. Aqui, a rainha é colocada ocupando um lugar totalmente antagônico ao de Clitemnestra, a esposa de Agamemnon, responsável por assassiná-lo. Ao encontrar Odisseu, a principal queixa de Agamemnon, que de início tinha o tom de conselho, foi em relação à sua esposa. Segundo o rei, não se deve ser benévolo com a esposa, não se deve revelar os pensamentos de forma completa sem deixar uma parte oculta. Agamemnon chega a afirmar que sua esposa lançou sobre ela própria, com sua infame conduta, vergonha indelével, e também sobre quantas mulheres que em qualquer tempo nascerem, até mesmo as de espírito justo. Contudo, ao divagar contra as mulheres de uma maneira geral, Agamemnon parece dar-se conta de que Penélope não é como Clitemnestra: “*mas não terás de morrer, Odisseu, pela mão de tua esposa, pois alimenta no espírito justos e honestos desígnios a descendente de Icário guerreiro, a prudente Penélope*” (v.444 e ss). Agamemnon deliberadamente se coloca a falar sobre Penélope, contudo, Odisseu não parece dar muita importância e nem se mostra desejoso de saber mais detalhes, como seria natural. A falta de curiosidade de Odisseu a respeito da esposa talvez esteja relacionada com o fato de que antes de encontrar com Agamemnon, Odisseu conversou com a “alma” de sua própria mãe a quem tudo perguntou sobre a casa, o pai, o filho e a esposa. E sua mãe lhe revelou que Penélope nunca cessou o pranto por ele e mantém o coração paciente. Foi um relato breve, Odisseu não perguntou por maiores detalhes, mas nem foi preciso, o que desejava saber lhe foi revelado: Penélope, mesmo depois de tantos anos, mantinha-se fiel à sua espera, e isso era o mais importante.

Um outro projeto engenhoso concebe a prudente Penélope no canto XVI. A ousada rainha decide mais uma vez falar diretamente aos pretendentes sobre o plano que

Azevedo, Cristiane A. de
*A méti*s de Penélope

tinham contra Telêmaco. Novamente com um véu sobre suas belas feições e novamente parando no umbral da grande porta, a rainha faz um sermão dirigido especificamente a Antínoo, lembrando-lhe que foi Odisseu o responsável por proteger seu pai da fúria de inimigos. A rainha afirma que Antínoo está longe de ser o que o povo da ilha acredita, já que na realidade é um partidário das maldades. Os argumentos de Penélope são tão contundentes que Antínoo se mantém calado, sem dizer uma palavra em sua defesa ou mostrar a Penélope que seu lugar não é ali e que sua atitude é impensável para uma mulher, tal como Telêmaco fizera na primeira cena na qual a rainha desce até a sala. Quem responde é Eurímaco ao afirmar que nada aconteceria a Telêmaco enquanto ele próprio vivesse, o diz de forma dissimulada pois também faz parte do conluio contra o filho de Odisseu. Aqui se apresentam encenações nada comuns. Penélope com certeza sabe que seu sermão em nada fará os pretendentes abandonarem seu plano contra Telêmaco, mas, provavelmente, esta não é diretamente sua intenção, pois a respeito disso já se sente aliviada com a proteção de Atena. O seu duro discurso dirige-se de forma direta a Antínoo, aquele que é o principal responsável por incitar os pretendentes contra Telêmaco, que está sempre meditando algo terrível. Penélope, mais uma vez se mostra forte, corajosa, não aceitando seu papel de submissão em relação ao universo masculino. Seu duro discurso acerta em cheio Antínoo, lembra-o que se ele está ali é porque Odisseu ajudou sua família a se manter e a manter suas posses. A melhor prova do tiro certo é o silêncio de Antínoo. Por outro lado, quando Eurímaco toma a palavra, poderia muito bem falar em defesa do universo masculino e mostrar para Penélope que ali não era seu lugar e que seu discurso para que os pretendentes mudassem de ideia em relação aos seus planos contra Telêmaco era tão inútil quanto os esforços de um jovem desarmado frente a um soldado experiente. No entanto, Eurímaco também mantém a encenação e finge ser grato a Odisseu e contrário ao plano de matar Telêmaco. A grande diferença na encenação dos dois é que Penélope sabe perfeitamente seu alvo e o atinge com sucesso enquanto Eurímaco acredita que entendeu a intenção da rainha e inventa uma mentira para não só acalmar seus ânimos quanto, e principalmente, para parecer um homem justo diante de Penélope. Acaba fazendo papel de bobó. De qualquer maneira, é visível como, novamente, os pretendentes aceitam e respeitam a força e a presença da rainha, cuja fraqueza só demonstrava às suas servas. Penélope sobe novamente a seus aposentos para chorar pelo marido. Mais uma prova de que, de fato, não foi exatamente por Telêmaco que ela fez seu duro discurso.

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

No canto XVII, Telêmaco volta de sua viagem em busca de notícias sobre o pai e conta à mãe o pouco que soube do regresso de Odisseu, se está vivo ou morto nada soube, pois ninguém tem notícias de nada. Penélope, comovida, ouve do estrangeiro Teoclímeno a profecia de que Odisseu já se encontrava em Ítaca pensando como vingar-se de todos. A sempre prudente Penélope, calejada pelo destino e pelas diferentes histórias que chegaram até ela nos últimos vinte anos, limita-se somente a dizer que, se tal profecia se cumprisse de fato, o estrangeiro receberia preciosos presentes.

Ainda no mesmo canto, a rainha fica sabendo da presença de um novo estrangeiro – na verdade trata-se do próprio Odisseu disfarçado –, um pedinte no seu palácio, entre os pretendentes. A rainha manda imediatamente o porqueiro Eumeu, quem primeiro abrigou o estrangeiro, chamá-lo. Penélope, mais uma vez, toma a iniciativa da ação em se dirigir ao estrangeiro para não só saudá-lo como para perguntá-lo se alguma notícia tem de Odisseu, pois o desconhecido lhe pareceu muito viajado. É curioso o contraste entre a cena anterior, na qual ela recebe a profecia de Teoclímeno, sem parecer que tal profecia tenha lhe despertado a menor animação ou esperança, e agora quando deseja estar com o estrangeiro que surge no seu palácio, mostrando uma certa excitação e ansiedade em falar-lhe. Depois de ordenar ao porqueiro que traga o estrangeiro e constatar a ação dos pretendentes, acabando com seus bens, Penélope complementa: *“fosse possível voltar Odisseu, outra vez, para a pátria! Junto com o filho, sem dúvida, disso tomara vingança!”* Será que além de prudência e astúcia, a rainha ainda possui uma intuição ou algum dom de clarividência? Será que, no fundo, ela já pressente que o fim dos pretendentes se aproxima? Ao seu lado, Telêmaco dá um forte espirro que ecoa por toda a casa, a rainha ri e novamente se dirige ao porqueiro:

“vai, por favor, e me traze o estrangeiro; que venha falar-me. Não escutaste meu filho espirrar, quando há pouco eu falava? Isso é sinal que da Morte nenhum, sim, nenhum pretendente há de fugir, atingindo a eles todos o negro Destino” (v. 544-47).

Depois de tantas aparições sofridas, chorosas, de lamentações, de tensão no enfrentamento aos pretendentes, Penélope mostra-se animada, não só com esperança, mas com certeza também. Diverte-se com o fato do filho ter espirrado após ter “predito” a vingança dele e do pai contra os pretendentes. O espirro era um sinal de acordo com o que fora pronunciado anteriormente, considerado o envio de um deus invisível. Penélope

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

não só fala da volta de Odisseu de maneira mais animada e convicta como, de certa maneira, determina que a vingança se dará através da morte dos pretendentes, pelas mãos de Odisseu e Telêmaco. Não poderia ser mais precisa do que o melhor dos adivinhos, sinal ou profecia. O fato é que, a partir da chegada desse novo estrangeiro, Penélope revela um novo ânimo.

O próprio Odisseu percebe a impaciência de Penélope para lhe falar, mas pede prudência por causa dos pretendentes que podiam lhe afastar da rainha. Portanto, por conta da artimanha de Odisseu, seu primeiro encontro com sua esposa se dará ao anoitecer, longe do olhar dos pretendentes, assim podendo lhe falar tranquilamente. Penélope reconhece a sensatez do estrangeiro – agora qualificado como “que tudo conhece”. É no mínimo estranho qualificar alguém de quem nunca se ouviu falar, que não se conhece, não conhece sua família e história como aquele que tudo conhece, pois lhe pareceu viajado. Tal impaciência e ansiedade em falar-lhe também é bastante incomum para aquela que sempre é qualificada como a prudente e sensata, para aquela que momentos antes se mostrou como uma descrente em relação às histórias que chegam a respeito do marido já que ao longo dos vinte anos de ausência muitos foram aqueles estrangeiros que passaram por Ítaca e quiseram se aproveitar da situação para fornecer uma falsa notícia a respeito de Odisseu em troca de presentes preciosos. Começa-se aqui a se desenhar um contexto de atuação da rainha diferente do que se havia apresentado até então.

No canto seguinte, Penélope novamente desce até a grande sala onde encontram-se os pretendentes, só que desta vez tal desejo lhe foi infundido por Atena que queria que os pretendentes ficassem com suas esperanças ainda mais vivas em poder dividir o leito com a rainha e, ao mesmo tempo, a deusa pretendia aumentar ainda mais a estima de Telêmaco e de Odisseu por Penélope. A rainha diz à sua criada que tem o desejo de se expor aos pretendentes, apesar do ódio que sente e de dar um conselho a Telêmaco. Penélope recusa, no entanto, o conselho da criada para se lavar e passar óleo pelo rosto. Contudo, quando esta sai para chamar as demais criadas que acompanharão Penélope, Atena resolve mandar um sono agradável para a rainha e é a própria deusa que se encarrega de embelezá-la passando-lhe essência divina no rosto e fazendo com que pareça mais esbelta, mais alta e com maior brilho na pele. Agora, mais do que nunca, tal como uma deusa, Penélope desce de seus aposentos para falar com os pretendentes. Mais uma vez se detém sob o umbral, mais uma vez tem o rosto escondido por um véu, mais

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

uma vez todos se voltam em sua direção para ouvir suas “divinas” palavras. Primeiramente dirige-se a Telêmaco repreendendo-o por deixar que a briga entre os dois mendigos – Odisseu e Iro – acontecesse. Acusa-o de não possuir reflexão nem justiça, de ter menos tino agora do que quando era criança, de ter permitido que um hóspede fosse ofendido. Depois do diálogo entre a rainha e seu filho, Eurímaco vira-se para Penélope, tratando-lhe também por sensata, para lhe dizer que se todos os aqueus a vissem mais pretendentes teria porque superava em muito as demais mulheres, não só na altura e na forma esbelta mas também na equidade do espírito. Mais uma vez, a figura feminina aparece não só por sua beleza ou seus dons femininos de comandar a casa, mas e, sobretudo, por sua forma de pensar e agir, por seu espírito correto e digno. Em resposta ao pretendente, Penélope afirma que isso não vale de nada longe do esposo. Então, em uma nova artimanha, diz aos pretendentes que o próprio Odisseu lhe deixou instruções antes de partir para a guerra: quando Telêmaco atingisse a juventude ela deveria se casar com quem desejasse. E agora Penélope anuncia, diante de seus pretendentes, que isso está prestes a acontecer. E sagazmente afirma estar aflita por não se cumprir um costume de antigamente: quando uma mulher da nobreza era pretendida, muitos mimos eram ofertados e não se gastavam as posses do outro. Neste exato momento, Odisseu se alegra por ver a esposa falar palavras agradáveis visando ganhar preciosos presentes de seus pretendentes, mas outros desígnios guardava. Ora, como pode Odisseu saber disso? Por que não ter dúvidas que a esposa se cansou e, de fato, pensa em se casar novamente? Provavelmente, Odisseu conhece bem a astúcia de sua esposa e sabe que a verdadeira intenção de Penélope é, de alguma forma, reparar todos os bens que foram consumidos de seu palácio. O que Odisseu não se pergunta é como ela iria fugir, mais uma vez, do compromisso com um dos pretendentes após ter recebido os presentes. E Penélope? Por que resolve tomar tal atitude? Está somente preocupada com os bens do filho e resolveu repará-los decidindo-se pelo novo casamento? Em nenhum momento é dito que ela tomou tal decisão, em nenhum momento a rainha parece sequer levar em consideração essa ação. O que terá acontecido então? Será que Penélope já tudo sabe a respeito da volta de Odisseu e o reconheceu, mesmo disfarçado por Atena em mendigo, no exato momento que o viu? O fato é que, de agora em diante, as falas e ações de Penélope parecem determinar a direção de como tudo deve acabar, como, por exemplo, quando diz que Telêmaco e Odisseu se vingariam de todos. Nesse sentido, suas ações fazem parte do

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

plano de vingança, ou melhor, são efetivamente suas ações e falas que determinam o plano.

No canto XIX, finalmente Penélope conversa pela primeira vez com Odisseu. Mais uma vez defende-lhe, agora de uma serva que quer lhe retirar da casa dirigindo-lhe duras palavras. De maneira totalmente diferente de como se apresentava aos pretendentes, Penélope, ao que parece, sem o véu que sempre cobria seu rosto quando falava aos pretendentes, rompe a fronteira do umbral e senta-se na sala agora vazia solicitando que coloquem uma cadeira para o estrangeiro sentar-se ao seu lado para conversarem. As servas ocupam-se da limpeza dos pratos e copos do jantar que aconteceu mais cedo na sala entre os pretendentes. Portanto, com o “estranho” que acabara de chegar ao seu palácio, a rainha não se preocupa em estar acompanhada de perto pelas servas e nem de esconder seu rosto atrás de um véu. Revela-se a Odisseu talvez esperando que ele também se revele a ela.

A primeira pergunta que Penélope faz a Odisseu é aquela que normalmente se faz a um estrangeiro: qual teu povo, teu nome, teus pais, tua cidade. Contudo, Odisseu foge da resposta, não deseja certamente contar tamanha mentira à sua cara esposa, está farto de criar falsas autobiografias, sobretudo agora quando se trata de sua própria esposa. Penélope rapidamente lhe relata todo seu sofrimento, sua astúcia quando propôs tecer a mortalha para Laertes, a maneira como foi descoberta e o atual momento no qual diz não ter mais planos para fugir às núpcias. Ao reencontrar o marido, a rainha faz um resumo do que se passou até o momento, assim como Odisseu também o fará para ela mais adiante. Penélope parece querer fazer com que o esposo saiba de tudo pelo que tem passado. Após o seu relato, novamente pergunta pela ascendência de Odisseu. Parece dizer-lhe: “Olha só o tanto que sofri na sua ausência, agora chega, revele sua identidade e acabe com isso”.

Todavia, Odisseu, decidido em sustentar seu personagem, conta-lhe sua falsa história incluindo o fato de ter sido Odisseu seu hóspede, sem, no entanto, responder à pergunta de Penélope que comovida volta sua atenção aos detalhes da história que acabou de ouvir. A rainha exige uma prova de que o estrangeiro conta a verdade sobre Odisseu. Apesar de dizer que era difícil, passados vinte anos, lembrar do que Odisseu vestia e de quem o acompanhava, o estrangeiro descreve em detalhe sua veste e lembra até mesmo o nome do arauto que lhe acompanhava. Aqui Odisseu, como tantas vezes fizera ao longo dos cantos, no papel semelhante ao do aedo, canta sua própria história, com alguns fatos

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

mais verídicos do que outros. Neste jogo de falsidades e reconhecimentos, Odisseu sabia muito bem o quanto abalaria a firmeza da esposa já que descreve os mantos que a própria Penélope lhe dera de presente antes de sua partida.

Diante do choro de Penélope e de sua afirmação de que não receberá o marido de volta, o estrangeiro, dizendo que contará toda a verdade, afirma que tem notícia sobre a volta de Odisseu, conta que está em terra próxima, fala da perda dos companheiros como castigo por eles terem comido as vacas de Helio, conta sobre os Feácios, mas omite o tempo que passou junto a Calipso, dizendo que Odisseu não voltou porque achou melhor viajar por terras diferentes para angariar riquezas e, por fim, inclui na história uma ida ao oráculo de Dodona para ouvir de Zeus o melhor jeito de retornar à pátria, se claramente ou encoberto. Odisseu omite também sua ação contra Polifemo que irritou Poseidon e o impediu que encontrasse o caminho de seu lar. Se a omissão de Calipso pretende esconder a infidelidade de Odisseu para a esposa, a omissão do Ciclope esconde o momento no qual Odisseu perdeu sua astúcia, sua prudência, e deixou falar mais alto seu orgulho, sua vontade de que todos soubessem que a astúcia em vencer o Ciclope veio do filho de Laertes. Não podemos esquecer que Odisseu e seus companheiros já estavam no mar, fugindo, quando o herói releva ao ciclope que Ninguém² era, na verdade, Odisseu. Se sáísse sem revelar sua identidade a Polifemo, jamais despertaria a fúria de Poseidon contra ele, mas Odisseu não suportou o fato de não ter mais esta astúcia em sua conta e tomado pela obtenção da glória de seu ato, revela sua identidade, sem perceber que com isso se condenaria a uma fuga constante da fúria do deus por ter o filho ferido.

Depois de tantas falsas histórias contar a respeito de si mesmo, talvez essa tenha sido aquela que Odisseu gostaria que fosse verdade, ao estar ali, diante de sua amada esposa passados vinte anos. Odisseu se dá conta de quanto tempo perdeu estando ao lado de Calipso, de quanto tempo perdeu por irritar Poseidon com sua ação desmedida. Ele conta a Penélope, resumidamente, o que se passou talvez como forma de fazê-la entender sua demora e explicar-lhe porque não se revelar de uma vez, já que teria sido conselho de Zeus.

Na sequência, Penélope ordena que o estrangeiro pare de ser tratado como mendigo e manda que lhe façam uma cama confortável e lhe lavem para que possa se

² Ninguém foi o nome que Odisseu tinha informado a Polifemo e que livrou a ele e a seus companheiros da ação dos outros ciclopes quando Polifemo grita de dentro de sua gruta: “Ninguém me feriu! Ninguém me feriu!” Os demais ciclopes pensaram que Polifemo estava louco ou que tinha bebido demais.

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

sentar ao lado de Telêmaco à mesa! A rainha parece lhe dizer: entendo suas razões para não se revelar a mim mas não posso suportar lhe ver sendo tratado como um mendigo, assumo ao menos seu lugar ao lado de seu filho. Nada disso parecerá estranho aos outros porque está dentro das regras de hospitalidade que se deve ao estrangeiro. Contudo, assim como Odisseu lhe fala de maneira velada, também Penélope sabe fazer uso desse recurso com tanta astúcia, se não mais que o esposo. E pergunta ao estrangeiro como ele poderá saber que ela supera as demais mulheres em juízo e prudência se o deixa sujo e rasgado para almoçar. Não nos parece que ter juízo e ser prudente estejam necessariamente relacionados com a hospitalidade que quer demonstrar. A rainha parece dizer que se Odisseu quer continuar com sua fantasia que ao menos se apresente de maneira digna, já que afinal ele é o rei. Tomar seu lugar à mesa ao lado do filho também é importante não só para ter acesso direto aos pretendentes e aos servos, tomando conhecimento mais direto sobre quem ele poderá ter ao seu lado chegada a hora da vingança, como dará mais confiança e amparo ao filho que não mais enfrentará os arrogantes pretendentes sozinhos.

Diante da exigência de Odisseu de que seja uma velha a lhe lavar, Penélope manda chamar Euricleia e novamente de forma velada lhe diz que pode se tratar do próprio Odisseu, algo que a ama saberá por ela mesma ao reconhecer a cicatriz que o rei tem na coxa. Penélope diz a Euricleia para lavar o estrangeiro que tem a idade de seu amo. E não mais colocando a existência do marido em questão, e possivelmente insinuando algo mais, afirma que Odisseu, atualmente, deve as mãos e a forma dos pés ter como as do estrangeiro.

A fala da ama talvez venha reforçar a possibilidade de Penélope ter reconhecido Odisseu assim que o viu, já que Euricleia diz ao estrangeiro que nunca viu semelhança tão grande entre ele e Odisseu, não só no corpo como nos pés e na fala. Portanto, é clara a possibilidade de reconhecimento do rei mesmo depois de passados tantos anos.

Na última conversa com o “estrangeiro”, Penélope revela-lhe um sonho, um sonho do qual não temos nenhuma outra referência no texto, diferente dos outros dois momentos nos quais sonha, não nos é relatado o momento no qual isso se deu. A rainha teria inventado a história do sonho? Seria mais um teste para o marido?

No sonho, 24 gansos alimentados no palácio tiveram os pescoços quebrados por uma águia que desceu das montanhas. A águia então, com voz humana, fala a Penélope:

“fica tranquila, Penélope, filha de Icário famoso; antecipada verdade foi tudo, não sonho ilusório: os pretendentes, aqui, são os gansos; eu

Azevedo, Cristiane A. de
*A méti*s de Penélope

próprio fui a águia, mas ora sou teu marido, que a casa de novo retorna, para aprestar a eles todos um mísero e triste destino” (v. 546-553)³.

Odisseu lhe responde que não há motivo para interpretar o sonho de maneira diversa, uma vez que Odisseu disse o que há de se cumprir: a total destruição já ameaça aos pretendentes, sem que nenhum fuja ao Destino funesto.

Penélope conta o sonho talvez esperando que Odisseu finalmente se revelasse e a seus planos, ou talvez para impor a ação ao marido, indicando que a matança completa dos pretendentes se fazia necessária e urgente (v.556-58). O sonho contado pela rainha traz em si mesmo sua interpretação, talvez a própria Penélope pensasse em impedir qualquer interpretação diferente do que aquela que ela mesma desejava. O pedido de Penélope para que o estrangeiro interpretasse o sonho parece mais uma prova à consistência do personagem que Odisseu inventara para si próprio. E a resposta que ele lhe fornece deixa transparecer uma certa euforia e ansiedade em dizer-lhe que é justamente isso que irá acontecer, Odisseu garante, seja ele a águia, o estrangeiro ou Odisseu ele mesmo.

Penélope parece mostrar uma certa tristeza na cena ao dizer que os sonhos são inexplicáveis e sem sentido, sem realizar o que predizem aos homens, insistindo na aparência enganosa do seu e na falta de verdade em relação ao futuro. Talvez sua tristeza venha do fato de Odisseu não lhe revelar sua verdadeira identidade, talvez seja pelo fato de que a solução da situação venha através de uma matança, que poderia gerar mais vingança, talvez por perceber que a paz e a alegria com que sempre sonhou com a volta de seu marido sejam objetivos que estejam longe de serem atingidos, talvez porque o retorno de Odisseu não atendeu às suas expectativas de anos.

Para finalizar a conversa, Penélope informa a Odisseu como a vingança deveria se iniciar. Ela irá propor aos pretendentes o jogo que o próprio Odisseu estava acostumado a jogar: com seu arco, fazia a flecha passar por doze orifícios em estacas enfileiradas. Quem conseguisse tal feito iria ganhar como prêmio a própria rainha. É provável que Penélope soubesse ou apostasse que ninguém conseguiria envergar o arco de Odisseu e muito menos acertar a flecha pelos doze orifícios. Mais uma vez, a rainha

³ Temos interpretações variadas a respeito da reação de Penélope a esse sonho que vão desde uma invenção para falar de maneira oculta ao marido, passando por interpretações freudianas e modernas sobre o simbolismo do sonho. A complexidade da cena está sobretudo relacionada com o fato de que no sonho, Penélope chora quando a águia mata os gansos e é acolhida pelas demais mulheres.

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

parece guiar a ação de Odisseu na vingança contra os pretendentes. Se, antes de chegar ao palácio, foi Atena que guiou Odisseu, aconselhando-o a respeito da ação mais correta a realizar, agora, desde sua chegada ao palácio, é Penélope que toma esse lugar de guia, falando de forma velada ao marido. Odisseu, reconhecendo suas sábias palavras e orientações, segue-as sem colocar em discussão, tal como a ouvir as palavras da deusa. Certamente Penélope demonstra que supera em muito as demais mulheres em prudência, em astúcia, em juízo acertado, e Odisseu reconhece sua superioridade assim como reconhece a superioridade de Atena.

De maneira semelhante quando Penélope conta-lhe seu sonho, Odisseu se mostra quase eufórico ao saber de mais esta astúcia que sua sensata esposa atirá contra os pretendentes, respondendo-lhe para que não demore a propor o jogo pois o próprio Odisseu chegará e fará a flecha passar pelos orifícios. Pensar em propor uma prova que só Odisseu seria capaz de realizá-la não seria, na verdade, sua última artimanha para fazê-lo se revelar? Se Penélope não soubesse que Odisseu já estava presente, qual seria seu objetivo em propor tal prova? Ela não teria o mesmo sucesso em retardar sua escolha como a artimanha da mortalha. Os pretendentes, mesmo fracassando, exigiriam uma decisão de sua parte.

Nossa hipótese é de que, ao propor tal prova, Penélope desejava acabar de uma vez com a encenação de Odisseu e, ao mesmo tempo, lhe proporcionar o ponto de partida para sua vingança.

Ao se despedir de Odisseu, a rainha parece, mais uma vez, lhe falar ocultamente de seu desejo em ficar ao seu lado e deleitar-se com sua presença depois de tantos anos de ausência:

“quisesses ficar ao meu lado na sala, a deleitar-me, jamais baixaria a meus olhos o sono. Mas é impossível aos homens ficar desse modo, acordados por muito tempo, que os deuses eternos aos homens terrenos ordem puseram em tudo” (v.589-93).

O canto seguinte descreverá o grande dia da proposta da prova, mas uma Penélope triste se levanta da cama, um demônio funesto lhe enviara maus sonhos. Contudo, logo em seguida conta que Odisseu dormira ao seu lado, alegrando-lhe o coração por pensar que não fosse ilusão, mas verdade. Talvez tal sonho tivesse vindo da vontade de Penélope de que Odisseu, depois da conversa, subisse ao quarto e tomasse seu lugar no leito. Podemos ter aqui uma mescla de sentimentos ambíguos, uma discreta

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

alegria por tê-lo de volta, uma tristeza por ele não ter nela confiado e se revelado como seu marido, uma enorme preocupação em saber que esse será um dia decisivo, preocupação em não saber se Odisseu conseguiria de fato vencer os pretendentes ou se seria abatido por eles. Ao ouvir a lamentação de Penélope, Odisseu, ao invés de pensar que a esposa chorava por sua ausência, como inúmeras vezes é dito na Odisseia, agora, diversamente, preocupa-se, parecendo-lhe na alma que fora reconhecido por ela (v.93-4). Mas de onde teria lhe vindo tal intuição? Será que, revisando rapidamente a conversa da noite anterior, ele percebeu que ela fez de tudo para que ele se revelasse? Será que ao ouvir o choro, ele subitamente percebe que a expectativa de Penélope havia sido frustrada?

A prova do arco será proposta no canto XXI. Penélope dirige-se à sala onde encontram-se guardados o arco, as flechas e os ferros com os orifícios para em seguida propor aos pretendentes a prova. Mais uma vez, exatamente como fizera das vezes anteriores ao falar com os pretendentes, detém-se no umbral da porta da grande sala, com uma serva de cada lado e o rosto coberto por um véu. E mais uma vez os pretendentes param tudo o que estão fazendo para ouvir a divina rainha. A diferença fica por conta do arco de Odisseu que tem nas mãos. Penélope não é guerreira, sem dúvida gostaria de ter ela própria forças para abatê-los com o arco de Odisseu, mas não tendo força física para tal, propõe astuciosamente que os pretendentes disputem entre si em uma competição impossível de ser vencida. Quem sabe com isso não conseguiria despertar também o próprio ânimo perverso de uns contra os outros e assim já se livrar de alguns pretendentes?

Depois que todos tentaram a prova sem sucesso, o mendigo-Odisseu solicita o arco e logo é rechaçado pelos demais. Penélope imediatamente toma parte da discussão e defende a participação do mendigo. Ora, por que a rainha faria isso se já não soubesse que ele conseguiria, já que é o grande Odisseu? Primeiro repreende Antínoo de não ser justo em ultrajar um hóspede acolhido no palácio do jovem Telêmaco. E depois alfineta o orgulho do pretendente ao afirmar:

“temes, talvez, que o estrangeiro, confiando na força e nos braços, caso chegasse a encurvar o grande arco do herói, finalmente, para sua casa me queira levar e fazer-se-me esposo? Dificilmente ele próprio tal sonho no peito alimenta” (v.314-16).

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

É Eurímaco que responde Penélope afirmativamente, declarando que tem medo do que o povo possa dizer se um mendigo conseguir o que eles não conseguiram. A rainha retruca:

“não é possível, Eurímaco, que entre os do povo desfrutem belo conceito os senhores que os bens, deste modo, devastam de um varão nobre. Por que ter vergonha de tais comentários?”

Novamente ela ordena que passem o arco ao estrangeiro. Contudo, Telêmaco afirma que cabe a ele decidir e, como o fizera antes, manda sua mãe se retirar para seu quarto e voltar a se ocupar dos afazeres das mulheres. O jovem filho do herói não iria impedir o pai de tentar a prova, sentindo o momento da vingança chegar, queria somente retirar a mãe da sala de maneira que não presenciasse a matança dos pretendentes. Ao concluir a prova com sucesso, Odisseu dá início à vingança ajudado por Telêmaco, fiéis servos e, claro, pela deusa Atena.

No canto XXIII, Euricleia eufórica corre para avisar Penélope que Odisseu voltou e se vingou de todos que estavam em seu palácio. Mesmo diante da insistência da velha ama, Penélope se mostra incrédula de que seja de fato Odisseu; talvez por não querer demonstrar que ela também já sabia que o estrangeiro era Odisseu, fato pelo qual não demonstra nenhuma surpresa quando a ama lhe revela. E mesmo comportando-se como quem não estava acreditando na história, enquanto desce as escadas fica pensando como deveria agir diante do marido. Todavia, quando enfim o herói apresentou-se de modo revelado, a rainha sentou-se do lado oposto ao marido com o espírito confuso. O texto nos diz que ela queria reconhecê-lo, mas as vestes miseráveis eram um impedimento. Telêmaco cobra-lhe uma reação, mas a rainha responde que se encontrava aturdida sem poder falar-lhe ou mesmo olhá-lo, mas se de fato tratava-se de Odisseu logo iriam se reconhecer pois somente os dois conheciam alguns sinais. Mais uma vez a causa das roupas miseráveis é alegada, agora por Odisseu, como justificativa para o desprezo de Penélope. No entanto, mesmo depois que Odisseu surge diante da esposa em sua aparência quase divina, a rainha continua sem lhe dar a devida atenção. Ter o marido diante de si de maneira revelada lhe confundiu o espírito a ponto de não saber o que lhe solicitar como sinal único e definitivo de sua presença. A sempre prudente e sensata Penélope, mesmo tendo reconhecido Odisseu desde o primeiro momento que o viu não poderia ceder ao impulso de abraçá-lo e beijá-lo. Assim como Odisseu não cedeu à Penélope em nenhum momento de suas tentativas para que ele se revelasse, assim a

Azevedo, Cristiane A. de
A *métis* de Penélope

rainha também não cede e sustenta seu personagem até a prova final: Euricleia deveria preparar o leito fora do quarto. Indignado, Odisseu pergunta quem seria capaz de mover o leito talhado no tronco da oliveira. Enfim, esse foi o sinal de reconhecimento entre os dois, algo que somente os dois tinham conhecimento. Odisseu não poderia repreender Penélope por não ter de imediato se entregue a ele. Afinal, o próprio Odisseu assim se comporta com seu pai, fazendo-lhe perguntas para lhe testar ao invés de imediatamente se identificar e abraçá-lo. E depois de se identificar, seu pai também pede um sinal de reconhecimento e tal como o leito que só era sabido por Penélope e Odisseu, Odisseu diz algo a seu pai que só era conhecido pelos dois. A atitude de Penélope é mais um motivo para que Odisseu aumentasse ainda mais a admiração que sentia pela esposa.

No último canto, quando as almas dos pretendentes descem ao Hades, a alma de Agamemnon pergunta o que teria acontecido com os mais nobres guerreiros de uma cidade. Para a nossa grande surpresa, já que Agamemnon pede uma resposta direta, a alma de um dos pretendentes responde que todos desejavam a esposa de Odisseu, mas ela, sem se decidir pelas núpcias, “meditava o modo de ao negro Destino entregar-nos” (v.127). Logo, fica atribuída à rainha a articulação da vingança.

No entanto, no relato da prova do arco, a alma do pretendente afirma que Odisseu ordenou a esposa que propusesse a prova. Certamente não por acreditar que Penélope fosse incapaz de tamanha astúcia, mas possivelmente porque acreditava que a rainha já sabia que se tratava do marido. Depois que o pretendente finaliza o relato, Agamemnon afirma:

“és venturoso, ó solerte Odisseu, de Laertes nascido, por teres tido uma esposa dotada de tanta virtude! Que coração bem formado possuía a prudente Penélope, filha de Icário, que nunca esqueceu ao legítimo esposo! A fama dessas virtudes jamais há de ser esquecida, pois em louvor da prudente Penélope os deuses, por certo, hão de inspirar aos mortais inefáveis e eternas cantigas” (v.192-198).

Novamente é da glória – *kléos* – que se trata aqui, da glória que os heróis tanto buscavam visando a imortalidade de seus atos corajosos, visando a imortalidade de suas virtudes. Usando suas próprias armas, Penélope alcançará a glória por sua *areté*, alcançará a glória ao ter seus atos imortalizados na voz de um aedo. Essa mulher de espírito justo, sensata e prudente, essa mulher que supera todas as demais por sua *métis*.

Azevedo, Cristiane A. de
A métis de Penélope

Referências bibliográficas:

Homère. *L'Odyssée*. Trad. Médéric Dufour et Jeanne Raison. Paris: Flammarion, 1965.

Homero. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

[Recebido em novembro de 2017; aceito em dezembro de 2017.]